

Luvita Hieroglífico

Gramática e leitura

Caio Geraldes

[<caio.geraldes@usp.br>](mailto:caio.geraldes@usp.br)

2024

Sumário

Introdução	1
0.1 Descobrindo o luvita	1
0.2 Quando e onde?	2
0.2.1 Datação	2
0.2.2 Localização	5
0.3 Parentesco linguístico	7
0.4 Recomendações bibliográficas	8
1 Sistema de escrita, fonologia e flexão nominal	9
1.1 Sistema de escrita	9
1.1.1 Fonogramas	10
1.1.2 Logogramas	13
1.1.3 Recomendações bibliográficas	16
1.2 Fonologia	16
1.2.1 Vogais	16
1.2.2 Oclusivas	17
1.2.3 Nasais	18
1.2.4 Recomendações bibliográficas	18
1.3 Flexão nominal	19
1.3.1 Substantivos	19
1.3.2 Adjetivos	20
1.3.3 Pronomes	20
Pronomes pessoais	20
Possessivos	21
Demonstrativos	21
Pronome interrogativo e relativo	22
1.4 Leitura: BABYLON 3	23
Referências	25

Introdução

0.1 Descobrindo o luvita

Luvita denota um povo e uma língua e seus dialetos cuja existência, até o começo do século passado, estava perdida na história.¹ Quando no final do século XIX foram encontrados blocos de pedra no norte da Síria com inscrições em hieróglifos em alto relevo, associaram esta nova língua e o povo que a escreveu com os *hititas*, um povo que até então era lembrado por passagens da bíblia hebraica e alguns documentos recentemente descobertos em assírio. Em 1906, as escavações realizadas em Boğazköy/Boğazkale sob direção de Hugo Winckler e Theodore Makridi revelaram a cidade de Hattusa, capital do que teria sido depois chamado de Império Hitita, e nela um grande arquivo de documentos em cuneiforme em uma língua até então desconhecida.² Apenas em 1915-17, Bedřich Hrozný conseguiria ao mesmo tempo demonstrar que a língua nesses arquivos e em duas cartas previamente escavadas em Tell el-Amarna (Egito moderno) era uma língua indo-europeia e produzir um esboço gramatical dela, identificando-a como a língua dos hititas. Entre os textos em cuneiforme escavados em Boğazköy entre 1906 e 22 revelaram dentro deles trechos que os autores das tabuletas avisam que devem ser lidos *luwili*, isto é “como luvita”.³ Como alguns termos soltos ou incluídos em léxicos dessa língua aparecem marcados com um sinal cuneiforme, 𒂗, chamado pelo nome alemão *Glossenkeil*, sugeriu-se chamar essa língua também de *Glossenkeilsprache*.⁴

A língua dos hieróglifos das inscrições sírias, no entanto, permaneceu praticamente ilegível desde sua descoberta até a década de 30.⁵ No começo da dé-

¹ Esta seção está baseada sobretudo em Hawkins (2000a), Melchert (2003b) e Hoffner Jr. e Melchert (2008).

² A decifração do cuneiforme nesta altura já estava bastante adiantada, tendo sido iniciada nos primeiros anos do século XIX e relativamente bem estabelecida dentro da primeira metade do século para o persa antigo, acadiano e elamita.

³ Os códigos legais hititas contém provisões também de uma região, ainda hoje com localização disputada, chamada KUR *Lu-ú-i-ya*.

⁴ Os textos em luvita cuneiforme estão editados em Starke (1985) e Yakubovich e Mouton (2023). Outra língua aparece, embora raramente, nos textos hititas precedida por 𒂗, o palaico. Os textos em palaico estão editados em Carruba (1970).

⁵ Alguns sinais tinham sido corretamente interpretados por Sayce entre 1882 e 1884, a saber os logogramas L.17 𒀭 REX e L.228 𒀭 REGIO, respectivamente correspondentes aos cuneiformes

cada de 30, contribuições separadas de Meriggi, Gelb, Forrer, Bossert e Hrozný ofereceram interpretação de diversos logogramas e interpretações ou, ao menos, aproximações para alguns silabogramas, permitindo as primeiras tentativas de interpretação. Alguns avanços foram feitos durante as décadas de 1940 a 1960, com a compilação de selosigráficos (hieroglíficos e cuneiformes) e com a publicação parcial da inscrição bilíngue em hieroglífico e fenício de Karatepe descoberta por Bossert e Halet Çambel. Foi apenas com a publicação das “Novas leituras” por Hawkins, Morpurgo Davies e Neumann (1974) que se pode finalmente identificar a língua dos hieróglifos hititas com a língua dos *Glossenkeil* que deveriam ser lidos *luwili*. Daí em diante, estas línguas passaram a ser conhecidas respectivamente como *luvita hieroglífico* e *luvita cuneiforme*.

0.2 Quando e onde?

Embora tenhamos contado um pouco sobre a descoberta e decifração do luvita hieroglífico, convém dizer um pouco sobre o contexto histórico dessa língua.

0.2.1 Datação

A maioria das informações históricas sobre os falantes de luvita ou habitantes das regiões da associadas à língua luvita advém de textos hititas, salvo algumas poucas evidências contidas nas cartas de Amarna, correspondências em acadiano entre governantes egípcios e governantes do oriente próximo, incluindo duas entre o Egito e Arzawa, o nome tradicionalmente atribuído ao território dos falantes de luvita. Os primeiros textos legais hititas contendo menções à terra chamada de *Luwija*, hit. KUR *Lu-ú-i-ya*, datam da metade do segundo milênio antes da era comum, no Velho Reinado Hitita.⁶ Pelas crônicas históricas, sabe-se que pelo menos desde o reinado de Hattusili I (*ca.* 1650–1620)⁷ já havia interações entre hititas e luvitas. Supõe-se deste Starke (1985) que os textos em luvita cuneiforme tenham sido compostos entre os séculos XVI e XV AEC. Quanto ao luvita hieroglífico, o corpus se divide tradicionalmente em dois períodos, o período imperial e período neo-hitita.

Imperial / Era do Bronze Datadas do séc. XIII AEC, entre as dinastias de Tudhaliya IV e Suppiluliuma II, parte final do Império hitita. Boa parte das inscrições do período imperial fazem forte uso de logogramas, de modo que são de pouco interesse linguístico e de difícil compreensão.⁸ Além das inscrições, como em Figura 0.1, temos selos reais e oficiais como Figura 0.2.

⁶ mes ✕ LUGAL ‘rei’ e ✕ KUR ‘país/território’.

⁷ CTH 291 e 292. Tradução das leis em Hoffner Jr. (1997).

⁸ Usarei ao longo deste texto as datas de acordo com a cronologia média do oriente próximo.

⁸ Duas inscrições apenas contém logogramas, de modo que pode-se supor que talvez representem um texto hitita, a saber BOĞAZKÖY 1 e 2.



Figura 0.1: Inscrição BOĞAZKÖY 21. Dentro do complexo das piscinas sagradas de Hattusa, contendo o nome de Suppiluliuma II. Imagens de [Hittite Monuments](#). Ver [Hawkins \(2024, p. 48ff.\)](#)



Figura 0.2: Selo de “Tarkondemos”. Digráfico com cuneiforme na circunferência e hieróglifos no centro. Atualmente o texto é interpretado como pertencente a um certo *Tarkas(sa)nawa*. Final do século XII AEC. Atualmente em Walters Art Gallery, Baltimore, no. 57.1512. Imagem e traçado de [Hawkins \(2024, p. 45f., plate 32\)](#)

Neo-hitita / Era do Ferro Circa 1100-700 AEC, período posterior à dissolução do império hitita que, aparentemente, foi sucedido por diversas cidades-estado que mantiveram alguns aspectos culturais e políticos do antigo império. O corpus é composto sobretudo por inscrições, mas contém também selos, como [Figura 0.3](#), e cartas, como [Figura 0.4](#).



Figura 0.3: Bula de LİDAR. 5.4cm de diâmetro. Aproximadamente 1200 AEC. Atribuído a Kuzi-Tešub, rei de Carquemis. Atualmente no Şanlıurfa Arkeoloji Müzesi. Imagem e traçado de [Hawkins \(2000b, plate 328\)](#)

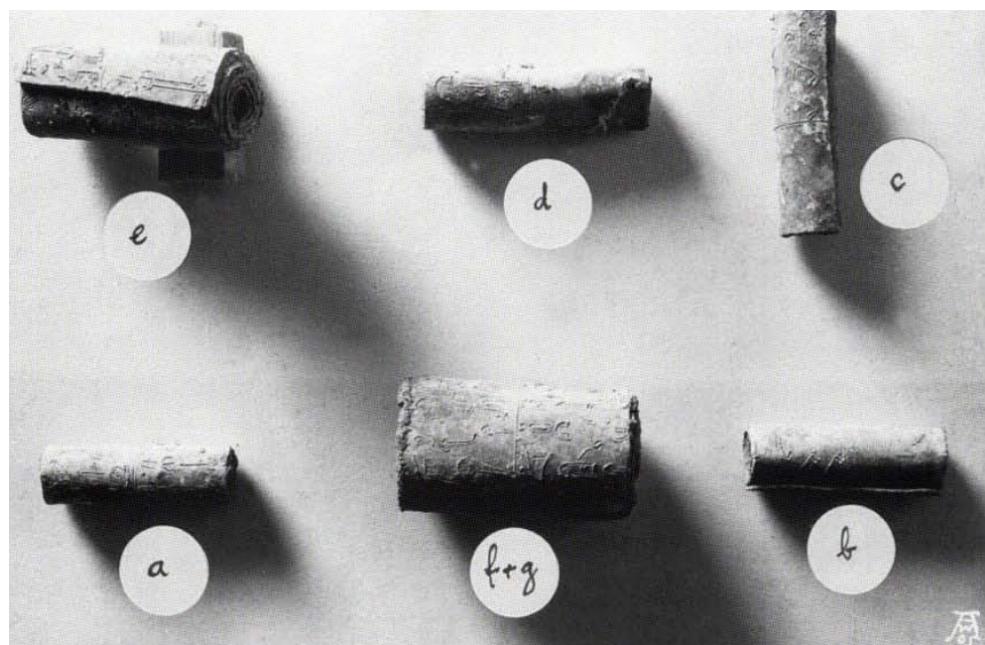


Figura 0.4: Cartas de Assur. Rolos de chumbo de aproximadamente 4cm de altura e diversas larguras contendo cartas de comerciantes. Escavados em Assur em 1905 pela Deutsche Orientgesellschaft. Originalmente alocados no Eski Şark Eserleri Müzesi, apenas os fragmentos *e* e *f* estão preservados e locados no Vorderasiatisches Museum, Berlin, no. VA 5819. Imagem de [Hawkins \(2000b, plate 306\)](#)

0.2.2 Localização

O mapa em [Figura 0.5](#) mostra a localização de descoberta de todos os documentos em luvita hieroglífico encontrados até hoje. É de se notar que os documentos do período imperial hitita, em laranja no mapa, estão muito mais espalhados geograficamente do que os documentos do período neo-hitita, em verde, que se concentram sobretudo no sudeste da Anatólia e noroeste da atual Síria.

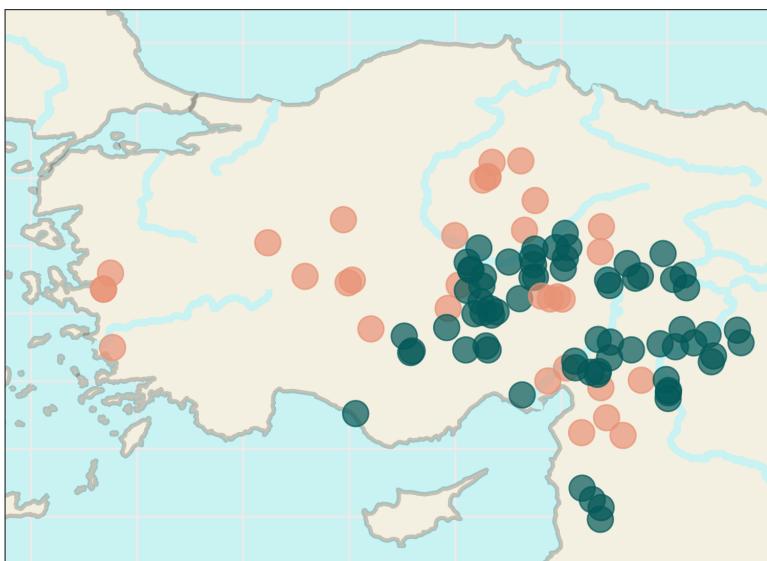


Figura 0.5: Mapa contendo a localização das inscrições monumentais em luvita hieroglífico. Os pontos laranjas representam inscrições do período imperial enquanto os verdes, inscrições do período neo-hitita.

Locais de interesse na idade do bronze As principais regiões que assume-se terem sido ocupadas por falantes de luvita durante a idade do bronze são Kizzuwatna, Tarhuntassa, Arzawa, Wilusa e, possivelmente, Mira. Todas essas regiões estão em volta do centro do poder hitita em Hatti, como se pode ver no mapa em [Figura 0.6](#).

Locais de interesse na idade do ferro As principais regiões que assume-se terem sido ocupadas por falantes de luvita durante a idade do ferro são a Cilícia, Que e Gurgum. Os sítios de Karatepe, Carquemis, Hama e Maraş estão entre os mais importantes. Todas essas regiões estão entre o sudeste da atual Turquia e noroeste da Síria, como se pode ver no mapa em [Figura 0.7](#).

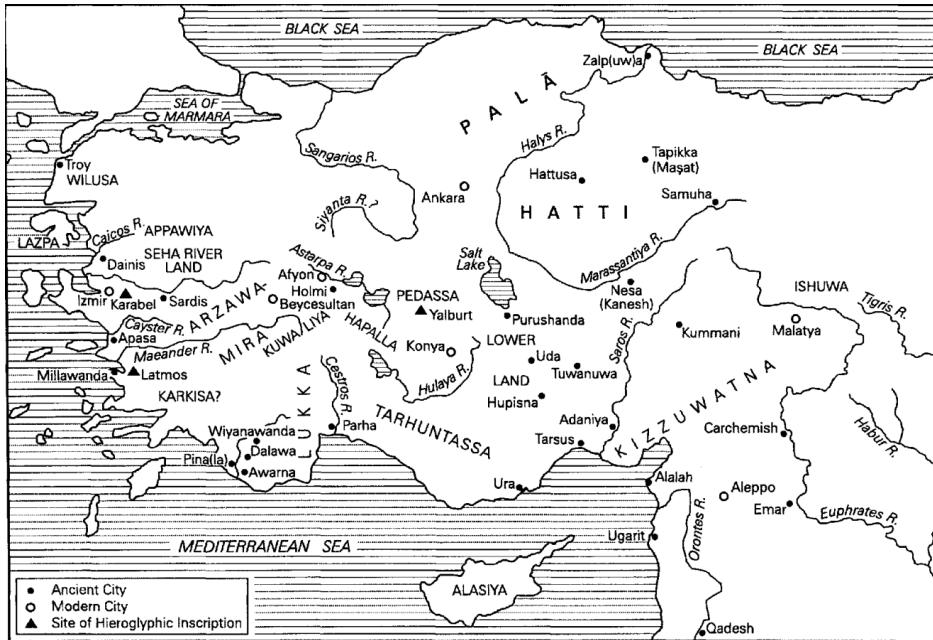


Figura 0.6: Mapa da Anatólia durante a idade do bronze. Melchert (2003b, p. 37).

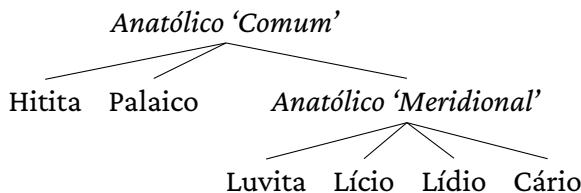


Figura 0.7: Mapa da Anatólia durante a idade do ferro. Melchert (2003b, p. 94).

0.3 Parentesco linguístico

O luvita é uma língua indo-europeia pertencente ao ramo anatólico. O proto-indo-europeu (PIE) é uma língua hipotética reconstruída a partir da comparação entre línguas geneologicamente ligadas umas a outras utilizando o método linguístico histórico comparativo. As línguas mais importantes utilizadas para sua reconstrução desde o início do século XIX foram o sânscrito e o grego, em primeiro lugar, o latim, as línguas germânicas e as balto-eslávicas, secundariamente, e as célticas, o armênio e albanês, com menor frequência. Com as evidências oferecidas por Bedřich Hrozný para a hipótese de que o hitita seria uma língua indo-europeia, iniciou-se um processo de revisão do que seria o proto-indo-europeu e qual sua relação com essa recém descoberta língua. Desde cedo ficou claro que o hitita representava um destacamento bastante antigo da língua indo-europeia que havia gerado os demais ramos.⁹ A decifração de línguas como o luvita, cário, palaico, lídio e lício e a conclusão de que todas elas formam junto do hitita um ramo linguístico dentro do indo-europeu, comumente chamado de ramo *anatólico*.¹⁰

Dentro das anatólicas, uma divisão conservadora das línguas seria a proposta por Rieken (2017, p. 305–6): 1. do Anatólico “Comum” o hitita e palaico teriam se separado inicialmente; 2. as demais línguas, i.e. o luvita, lício, lídio e cário seriam provenientes de um dialeto anatólico do Sul, um “anatólico meridional”, ou, em árvore genealógica:¹¹

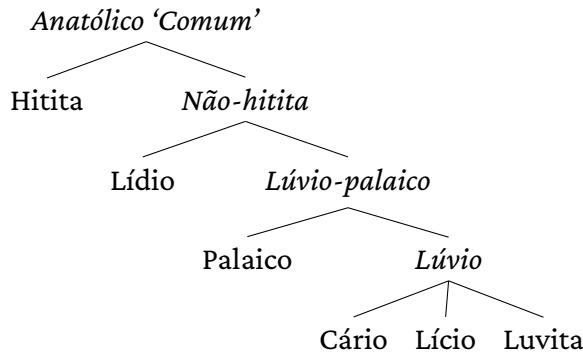


O modelo mais comumente aceito, no entanto, é o de Oettinger (1978, p. 92) e seguido por Yakubovich (2010, p. 6), que utiliza as seguintes isoglossas para a divisão: 1. substituição da desinênciça de primeira pessoa singular presente ativa indo-europeia *-mi por -wi em todas as línguas menos hitita; 2. generalização da forma de primeira pessoa singular pretérita -ha salvo em lídio; 3. plural em formas derivadas em *-nsi no lugar de *-es em cário, lício e luvita. Esquematicamente:

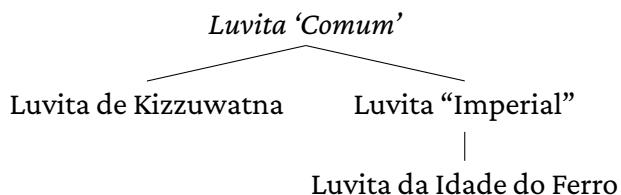
⁹ Pelo menos desde Sturtevant (1933).

¹⁰ Não cabe aqui a discussão se a separação do anatólico do resto do indo-europeu o torna um ramo “de primeira classe”, pertencendo assim não ao indo-europeu, mas a uma língua que poderia ser chamada de indo-hitita / indo-anatólico, detalhes sobre essa discussão podem ser encontrados em Ringue (2017).

¹¹ Nestas e nas próximas árvores, os nósulos em itálico representarão estágios linguísticos não atestados, mas supostamente reconstruídos.



Por fim, embora seja comum dizer que o luvita registrado em cuneiforme e o luvita registrado em hieróglifos correspondem a dialetos distintos, [Yakubovich \(2010\)](#) apresenta evidências de que os documentos cuneiformes luvitas representam dois dialetos contemporâneos associados a regiões geográficas distintas: o dialeto de Kizzuwatna (sudeste da atual Turquia) e o dialeto “Imperial”, associado às regiões centrais do império hitita. Por sua vez, os textos em hieróglifos registrariam um dialeto sucessor do dialeto “Imperial”, que o autor chama de “luvita da idade do ferro”. As principais isoglossas utilizadas para defender essa organização são: 1. os textos associados a Kizzuwatna não registram formas de genitivo, mas sim de adjetivos possessivos em *-assa-*; 2. também nos textos de Kizzuwatna, o morfema de imperfectivo *-zza* é substituído pelo morfema *-ssa*. 3. os demais textos cuneiformes apresentam uma tendência a substituir o acusativo plural comum *-anza* pela forma nominativa *-anzi*, os textos hieroglíficos jamais diferenciam nominativo de acusativo plural. 4. os clíticos *=pa* e *=tar* parecem ter desaparecido nos textos hieroglíficos.



0.4 Recomendações bibliográficas

Detalhes sobre a descoberta, publicação e decifração dos hieróglifos luvitas podem ser encontrados em [Hawkins \(2003, pp. 131ff.\)](#). Para uma descrição ainda mais detalhada, recomenda-se [Hawkins \(2000a, pp. 6-17\)](#). O compêndio de [Melchert \(2003b\)](#) oferece detalhes e bibliografia para todos os aspectos da história, geografia e língua luvita. Sobre a história do oriente próximo, incluindo os hititas, luvitas e sua relações com outros povos da região, recomenda-se [Mieroop \(2016\)](#), sobretudo as seções 6.3, 8.2 e 11.1. Informações detalhadas sobre as línguas anatólicas podem ser encontradas em [Klein, Joseph e Fritz \(2017, p. 239–308\)](#) e, sobre a dialetologia do luvita, ver [Yakubovich \(2010\)](#).

1 Sistema de escrita, fonologia e flexão nominal

1.1 Sistema de escrita

Os hieróglifos anatólicos são um sistema de escrita autóctone da Anatólia utilizado, até onde se sabe, apenas para escrever textos em luvita. O sistema utiliza tanto *logogramas*, i.e. caracteres que denotam uma unidade semântica, quanto *fonogramas*, i.e. caracteres que denotam sons da língua. Há duas variedades principais dos hieróglifos, os de baixo relevo, produzidos com incisões no material de suportes, e os de alto relevo, produzidos desbastando a pedra em volta dos caracteres.¹ As inscrições do período imperial utilizam sinais levemente diferentes dos sinais das inscrições do período neo-hítila e seus escribas tendem a preferir o uso de logogramas em detrimento dos fonogramas.²

Parte dos hieróglifos pode ter interpretação tanto de logograma quanto de fonograma e, em alguns casos, a interpretação fonográfica surgiu por *rebus*, isto é, o logograma passou a ser utilizado para indicar parte do som da palavra originalmente denotada por ele, como em (1). Alguns sinais não estabilizaram uma leitura fonográfica quando da escrita das inscrições que nos chegaram e ainda, por vezes, são lidos como *rebus*, como em (2).

- (1) a. L.66 DARE  = *pi(ya)*- ‘dar’ → /pi/
- b. L.509 (=L.329) CURRERE  /  = *hwi(ya)*- ‘correr’ → /hwi/
- (2) L.13 PRAE  = *pari* / *paran* ‘em frente’ → /pa.ri/³

Transliteração e transcrição Por razões de comodidade, costuma-se transliterar o texto hieroglífico no alfabeto latino e então produzir a transcrição do que se supõe ter sido a forma “corrida” do texto luvita, ao menos no quanto nós somos capazes de reconstruir as formas linguísticas subjacentes.

¹ Neste documento, caracteres dos hieróglifos anatólicos serão tipografados utilizando a fonte *Noto Sans Anatolian Hieroglyphs*, que os representa, na maior parte dos casos, no estilo de baixo-relevo do período pós-imperial.

² Para detalhes do sistema de escrita, vide Hawkins (2000a, pp. 6ff. e pp. 23ff.) e Hawkins (2024, pp. 354ff.).

³ Como no nome próprio Parita, escrito  PRAE-tá- = *Parita-* em QAL ‘AT EL MUDIQ, § 1.

A convenção de transliteração para o alfabeto latino consiste em:

1. Se o sinal não tem interpretação estabelecida ou a interpretação no contexto é incerta, incluir o número do logograma conforme em Laroche (1960), seja com um asterisco ou um *L.* antecedendo o número
2. Se o sinal tem valor logográfico ou *rebus*, escrever o valor semântico convencional em latim, seguindo Laroche (1960) e letras maiúsculas.⁴
3. Se um ou mais logogramas estão em função de *determinativo* (*vide sub*), eles são colocados entre parênteses.
4. Se o sinal tem valor fonográfico, utilizar letras minúsculas.
5. Sinais que pertencem à mesma palavra são separados por hifens.

A transcrição seguem as seguintes convenções:

1. sinais sem interpretação estabelecida ou logogramas cuja forma linguística subjacente é desconhecida, permanecem transliterados;
2. sinais logográficos com interpretação fonológica conhecida são convertidos pela palavra que representam;
3. sinais interpretados como *rebus* são convertidos pro valor fonológico;
4. os hifens são excluídos e os sinais com valor fonológico são unidos.

Como a transcrição depende da interpretação das formas linguísticas subjacentes, a conversão não é de um para um e depende do nossas suposições sobre a língua. Com frequência, diferentes autores produzem diferentes transcrições para uma mesma sequência de sinais e, quando em dúvida entre duas formas possíveis, incluem parênteses nos pontos incertos.

1.1.1 Fonogramas

Os fonogramas dos hieróglifos anatólicos representam unidades de sílabas, sendo também chamados de silabogramas. Em sua maioria, eles representam sequências de V (Vogal) e CV (Consoante Vogal), com alguns poucos representando a sequência CVCV, mas apenas quando a segunda sequência de *consoante-vogal* representa a sílaba *ra/ri*. O silabário “regular” para o período das cidades-estado neo-hítitas está representado em Figura 1.1 e Figura 1.2 e os sinais para séries CVCV estão em Figura 1.3.

Fonogramas múltiplos Sons que podem ser representadas por mais de um sinal recebem na transliteração sinais adicionais. Utilizando por exemplo o som /a/, a forma mais comum será transliterada <a>, a segunda mais comum pelo acento agudo <á> (=a₂), a terceira pelo acento grave <à> (=a₃) e as demais por números subscritos, como <a₅>. Formas que podem ter diversas vogais são grafadas com as opções de vogal separadas por uma barra, </>.

⁴ Por vezes, sinais que denotam topônimos não são latinizados e grafados em itálico.

		<i>a</i>	(450)			<i>i</i>	(209)			<i>u</i>	(105)
		<i>á</i>	(19)								
		<i>ha</i>	(215)			<i>hi</i>	(413)			<i>hu</i>	(307)
		<i>há</i>	(196)								
		<i>ka</i>	(434)			<i>ki</i>	(446)			<i>ku</i>	(423)
		<i>la</i>	(176)			<i>li</i>	(278)			<i>lu/a/i</i>	(445)
		<i>lá/í</i>	(172)			<i>la/i</i>	(319)				
		<i>ma</i>	(110)			<i>mi</i>	(391)			<i>mu</i>	(107)
		<i>na</i>	(35)			<i>ni</i>	(411)			<i>nu</i>	(153)
						<i>ní</i>	(214)			<i>nú</i>	(395)
		<i>pa</i>	(334)			<i>pi</i>	(66)			<i>pu</i>	(328)
		<i>ra/i</i>	(383)							<i>ru</i>	(412)
		<i>sa</i>	(415)			<i>si</i>	(174)			<i>su</i>	(370)
		<i>sá</i>	(433)								
		<i>sà</i>	(104)								
		<i>sa₃</i>	(327)								
		<i>ta</i>	(100)			<i>ti</i>	(90)			<i>tu</i>	(89)
		<i>tá</i>	(29)							<i>tú</i>	(325)
		<i>da</i>	(41)								
		<i>wa/i</i>	(439)								

Figura 1.1: Silabário regular (HAWKINS, 2024, p. 419) – Parte 1

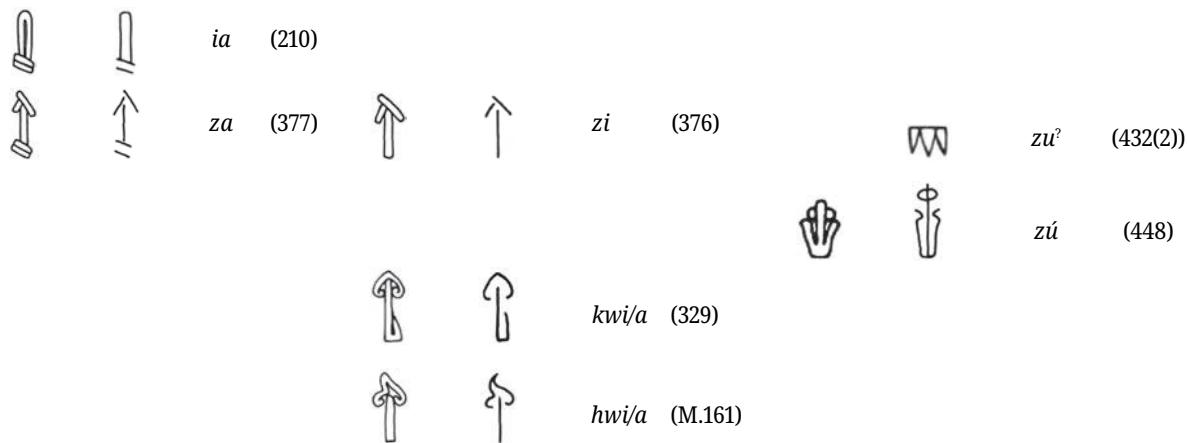


Figura 1.2: Silabário regular (HAWKINS, 2024, p. 421) – Parte 2

		<i>a + ra/i, ra + a (450 + 383)</i>
		<i>i + ra/i, ri + i (209 + 383)</i>
		<i>la + ra/i + a (175 + 383 + 450)</i>
		<i>ara/i (134)</i>
		<i>tara/i (389)</i>
		<i>hara/i (290)</i>
		<i>(IUDEX + ra/i) dara (371 + 383)</i>
		<i>mara/i^(ra/i) (462, 463(3))</i> (For variant forms, especially ANCOZ, see Hawkins and Morpurgo Davies, 1998)
		<i>kar (315)</i>

Figura 1.3: Fonogramas CVCV (HAWKINS, 2024, p. 422)

Consoantes isoladas Com esse sistema que sempre representa sequências (C)V, é impossível representar encontros consonantais e consoantes finais. Via de regra, o costume dos escribas era de grafar uma consoante qualquer X com o fonograma utilizado para grafar a sílaba /Xa/. Em português, isso tornaria as palavras *barco* e *barraco* idênticas na grafia, <ba-ra-co>, exigindo que o falante recuperasse pelo contexto e conhecimento da língua qual a forma fonológica ali representada.⁵ Assim, para escrever *hamsukalas* “bisneto”, um escriba de MARAŞ 1 escreveu:

- (3) ...      
... ha ma su ka la sá
... *hamsukalas* (MARAŞ 1, §1d)

Aqui, os grafemas <ma> e <sá> devem ser interpretados como as suas respectivas consoantes puras /m/ e /s/.

L.382 \ ra/i O silabograma para /ra/ ou /ri/ age de maneira distinta dos demais por ser uma espécie de grafema *enclítico*, ou seja, ele não pode aparecer por conta própria e sempre ocorre ‘apoiado’ em outro fonograma. Para representar uma sílaba final /ra/ ou /ri/, ele é representado apoiado em um <a> ou <i>:

- (4) a.  = *a+ra/i*
b.  = *i+ra/i*.

1.1.2 Logogramas

Os logogramas dos hieróglifos anatólicos representam unidades de sentido completo como palavras ou conceitos que, às vezes, podem ser interpretados pelo desenho que representam, como em (5). As palavras em luvita subjacentes aos logogramas só nos são conhecidas por ocasiões em que o escriba, além de utilizar o logograma, escreve também a palavra com os silabogramas da forma, como é o caso em (6).

- (5) 
OVIS
‘ovelha’ (EMİRGAZI 1, §§19)
- (6)   
OVIS ha wa/i
hawa
‘ovelha’ (KULULU 1.s. 2, §§1.2–11, etc.)

⁵ Consoantes geminadas não são representadas nos hieróglifos anatólicos.

Forma linguística subjacente desconhecida No entanto, não é sempre que temos essa sorte e todas as atestações de um logograma que nos chegaram o fizeram sem os complementos fonológicos, como em (7). Nesse caso, sabendo que o sinal L.104  CAPRA é utilizado também para grafar a sílaba /sa/, tanto na forma mais pictórica como na forma simplificada  e que em hitita a palavra para caprinos é *šaš(š)a*, podemos supor que a palavra subjacente ao logograma L.104 é *sasa-*. Comparações com o luvita cuneiforme e com línguas histórica e geograficamente próximas do luvita hieroglífico nos permitem elucidar as formas subjacentes que não nos chegaram grafadas, mas há casos em que é impossível alcançar qualquer suposição razoável ou satisfatória, como em (8).

- (7)  /
CAPRA
sasa ? (hit. *šaš(š)a*)
'cabra'
- (8) 
ADORARE
???
'rezar?' (HİSARCIK 2, § 1)

Logograma + silabogramas Como mencionado acima e ilustrado por (6), por vezes um logograma é seguido da palavra subjacente escrita por completo. Essa prática é comum e frequente. Além disso, alguns logogramas são seguidos de silabogramas representando apenas partes da palavra subjacente. Por vezes, como em (9), apenas a desinência flexional da palavra é escrita (i.e., as marcas de caso, gênero e número para substantivos e as de número, pessoa, tempo e modo). Em outros casos, partes além da desinência são escritas com os silabogramas enquanto outras são deixadas sem representação, como em (10), em que a primeira sílaba de /tu.wa.ta/, /tu/, é representada pelo logograma, enquanto as demais sílabas são representadas com silabogramas.

- (9)  
PONERE ha
tuwaha
'(eu) coloquei' (HAMA 4, §§7)
- (10)   
PONERE wa/i ta
tuwata
'(ele) colocou' (BABYLON 3)

Nada exige que as sílabas que seguem um logograma sejam *contíguas* na palavra subjacente, por vezes apenas a primeira e última sílabas são representadas. A palavra para 'filho', no nominativo singular, é *nimuwizas*, como atestado pela

escrita plena (FILIUS)ni-mu-wa/i-za-sa, bastante frequente no corpus.⁶ No entanto, em algumas inscrições, ela aparece grafada:

- (11) C FILIUS ni za sa
nimuwizas / nizas?
'filho' (HAMA 1–3, 6–7, §1)

É impossível decidir se a palavra subjacente nesse caso e em situações semelhantes é uma forma realmente abreviada na fala – que poderia muito bem ser uma forma coloquial – ou se se trata apenas de uma abreviação gráfica. Esses casos são, no entanto, raros.

Logogramas com múltiplas leituras Alguns logogramas servem para representar múltiplas palavras de um mesmo campo semântico. O logograma L.45 era utilizado para denotar palavras no campo semântico de 'filho, criança, irmão', sendo transliterada pelas palavras latinas FILIUS, INFANS e FRATER respectivamente. Nestes casos, é comum que a palavra siga escrita também em silabogramas, ao menos parcialmente:

- (12) a. C FILIUS ni mu wa/i za sa
nimuwizas
'filho' (KÖRKÜN, §1)
- b. C INFANS ni wa/i+ra/i ni (= INFANS.NI-wa/i+ra/i-ni-?)
niwarani?
'criança (incapaz?)' (MARAŞ 4, §14)
- c. C FRATER la i sa (= FRATER.LA-i-sa?)
lanis? (\simeq luv.cun. *nani(ya)-?*, cf. hit. *negna-*)
'irmão' (ALEPPO 2, §3)

Note-se que no caso de *niwarani* 'criança' e *lanis* 'irmão', não podemos estabelecer certeza da forma fonológica subjacente, posto que ou não temos esses termos registrados em luvita cuneiforme, o luvita cuneiforme os registra com variações e a comparação com o hitita é inconclusiva.⁷ O mesmo ocorre em diversos casos em que um logograma possui múltiplas leituras possíveis."

⁶ KÖRKÜN, §1; KARKAMIŞ A2+3, §1; TELL AHMAR 1, §13; EĞREK, §1; QAL ‘AT EL MUDIQ, §1; HAMA 4, §1; HAMA 8, §1; HINES, §1; ŞIRZI, §1; KARKAMIŞ A11a, §1; TELL AHMAR 1, §§1, 19(-i).

⁷ A interpretação das formas subjacentes ao logograma L.45 como INFANS e FRATER discutida em Hawkins (1980, p. 143–6) e Yakubovic (2010, p. 387).

1.1.3 Recomendações bibliográficas

O panorama geral do sistema de escrita pode ser encontrado em Hawkins (2003, p. 155ff.). Uma discussão detalhada e atualizada sobre todos os sinais conhecidos e com as evidências utilizadas para sua interpretação pode ser encontrada em Hawkins (2024, p. 354–488). Diversos artigos sobre sinais específicos são frequentemente publicados, sendo os mais importantes Hawkins, Morpurgo Davies e Neumann (1974), Rieken (2008) e Rieken e Yakubovich (2010).

1.2 Fonologia

Utilizando apenas o silabário regular do luvita hieroglífico seríamos capazes de reconstruir o seguinte inventário de fonemas:

- Vogais: *a, i, u*
- Oclusivas: *p, t, k*
- Nasais: *m, n*
- Fricativas: *s, z, h*
- Outras: *r, l, w, y*

No entanto, esse inventário de fonemas não parece ser o inventário realmente utilizado pela língua.

1.2.1 Vogais

Vogais longas O cuneiforme utilizado para grafar o luvita cuneiforme é capaz de representar a oposição entre vogais longas e breves por meio da grafia *plena*, quando a vogal longa é representada pela adição do cuneiforme representando a vogal sem consoantes. Os escribas não se valem da escrita plena de maneira regular, mas alguns pares contrastivos, como (13), apontam para uma distinção fonêmica.

- (13) a.
a- ad- du- wa- a- al
ādduwāl
‘mal’ (88 II 11, *KBo* XXIX 9 Ro 10*)
- b.
a- ad- du- wa- la
ādduwala
‘males’ (39 iii 26.)⁸

Escrita do /a/ inicial Por razões ainda desconhecidas, o /a/ em início de palavra com frequência aparece grafado no final da palavra, vide (14). Para deixar claro que este é o caso, pode-se transliterar um <a> inicial escrito em posição

⁸ Exemplos tirados de Melchert (1993).

final com um asterisco. Essa prática parece mais comum na idade do bronze, mas não deixa de ser utilizada ao longo de todo o uso do sistema de escrita. Há ainda casos em que o /a/ em início de sentença não é grafado.

- (14)  
 sa tu a
 *asatu
 ‘que ele seja’ (EMİRGAZİ, §17)

1.2.2 Oclusivas

/t/ vs. /d/ Em primeiro lugar, temos como evidência o *rotacismo* de algumas dentais em ambiente intervocálico. O rotacismo não ocorre de maneira consistente em nenhuma região geográfica ou período da língua luvita e formas com os sinais para /t/ e /r/ com frequência aparecem no mesmo texto. As formas que sofrem rotacismo são, de acordo com Morpurgo Davies (1982, p. 249–50):

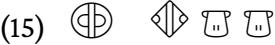
1. desinências de ablativo em *-ati*: <-a-ti> e <-Ca-ra/i-(i)>.
2. desinências de terceira pessoa:
 - a) presente *-ti*: <-ti> ou <-ra/i-(i)>;
 - b) pretérito *-ta*: <-ta> ou <-ra/i>;
 - c) imperativo *-tu*: <-tu> ou <-ru>.
3. partículas enclíticas:
 - a) reflexivo / pronominal *=ti*: <-ti> ou <-ra/i-(i)>;
 - b) pronominal *=tu*: <-tu> ou <-ru>;
 - c) pronominal *=ata*: <-a-ta> ou <-a+ra/i>.
4. itens lexicais, dois deles com etimologia bem estabelecida:
 - a) <á-ru-na> ‘comer’ de PIE *ed-;
 - b) <*pa+ra/i-za*> (dat.pl., SULTANHAN, §9) de PIE *ped-, mas também grafado <*pa-da*> (dat.sg., SULTANHAN, §6).

Por comparação com a evidência do luvita cuneiforme⁹ e lício e por razões tipológicas, assume-se atualmente que o rotacismo apenas incindia sobre uma consoante próxima de uma oclusiva sonora dental /d/.¹⁰ Além disso, os sinais previamente considerados intercambiáveis da série /ta/, antigos <*ta₁₋₅*>, deixaram de sê-lo desde o artigo de Rieken (2008), que demonstrou que <*ta₃*> não é intercambiável com <*ta₁₋₂*> e desde o artigo de Rieken e Yakubovich (2010), que demonstrou que os antigos <*ta₄*> e <*ta₅*> correspondem a <*la/i*> e <*lá/fi*>, respectivamente.

⁹ Em luvita cuneiforme, embora irregular, a consoante /d/ é representada pela grafia das dentais sem geminação, como *a-a-ta/ada* ‘ele fez’, em contraste com *a-at-ta/ata* (conj.+partic.).

¹⁰ Esse /d/ pode ter duas origens, como argumenta Morpurgo Davies (1982): 1. PIE *d; 2. PIE *t em pelo menos dois contextos: a) PIE ŴtV > luv.com. ŴdV; b) PIE ŴCVtV > luv.com. ŴCVdV; i.e., após vogais longas ou ditongos acentuados e entre vogais não acentuadas.

/p/ vs. /b/ e /k/ vs. /g/ Por comparação com o luvita cuneiforme, cujo sistema de escrita diferencia oclusivas surdas e sonoras, ainda que os escribas não registrem a oposição de maneira sistemática ou regular, pode-se supor que o luvita diferenciava também surdas e sonoras para as oclusivas bilabiais e velares. Por vezes utiliza-se outras línguas que tiveram contato com o luvita para decidir se um sinal /CV/ representa uma C surda ou sonora, como no caso do exemplo em (15): a divindade <KuPaPa> parece corresponder à mesma divindade referida pelo assírio antigo ^DKu-ba-ba, pelas formas hititas ^Dku-ba-ba-, ^Dku-pa-pa e ^Dku-pa-wa, hurrita e aramaico kbb e, talvez, pelo grego Κυβήβη.¹¹

- (15) 
 DEUS ku pa pa
 (DEUS)Kubaba
 Kubaba

1.2.3 Nasais

/n/ pré-consonantal Uma particularidade da escrita luvita é não grafar o /n/ pré-consonantal onde ele seria esperado pela reconstrução linguística ou comparação com o luvita cuneiforme.¹² Em português, isso tornaria as palavras *manga* e *maga* idênticas na grafia, <ma-ga>. Para escrever a palavra para ‘pais’, grava-se:

- (16) 
 tá ti zi
 tatinzi (MARAS 1, §12)

1.2.4 Recomendações bibliográficas

Sobre a fonologia histórica do luvita em relação às demais línguas anatólicas, ver Melchert (1994, p. 229ff.). Para uma descrição detalhada do sistema fonológico luvita, ver Melchert (2003a, p. 177ff.). A tese de Vertegaal (2020) contém discussões sobre a grafia de dentais e vogais longas em luvita.

¹¹ Hdt. 5.102, possivelmente a forma grega foi intermediada pelo lídio *kufad* (4a4). A associação com o grego Κυβέλη (Ar. Av. 876), com o frígio (*matar*) *Kubileya* (B-01), (*matar*) *Kubeleya* (W-04) é problemática, vide Obrador-Cursach (2020, p. 280–1) e Oreshko (2021), que disputa inclusive a associação com a forma grega Κυβήβη.

¹² Alguns interpretam nisso um sinal de que, ao menos no dialeto das inscrições em hieróglifos, os falantes não mais produziam a consoante /n/, mas sim a nasalização da vogal anterior, o que não estaria documentado nos textos luvitas em cuneiforme por conta ou de práticas ortográficas de escribas acostumados com a ortografia cuneiforme do hitita, ou de uma diferença dialetal entre o dialeto da era do bronze e da era do ferro. Se for este o caso, o exemplo (16) representaria /ta.t̪i.tsɪ/.

1.3 Flexão nominal

Os substantivos, adjetivos e pronomes em luvita podem flexionar em gênero (Comum e Neutro), número (Singular e Plural) e caso (Nominativo, Acusativo, Genitivo, Dativo e Ablativo). Pronomes não possuem o sistema de caso completo e por vezes não possuem distinção de gênero. As desinências utilizadas na maioria dos contextos são:

	SG.	PL.
NOM. COM.	-s	NOM. COM.
ACU. COM.	-(a)n	ACU. COM.
NOM./ACU. NEUT.	-n, Ø	NOM./ACU. NEUT.
GEN.	-(a)s, -(a)si	
DAT.	-i(ya), -a, -an	DAT.
ABL.	-ati	ABL.

Por conta das idiossincrasias do sistema de escrita hieroglífico, todas as desinências terminadas em consoantes são grafadas com o sinal correspondente à consoante C em questão na série do /a/, ou seja, <Ca>. Outras particularidades do sistema de flexão nominal do luvita incluem:

- o gênero neutro não diferencia nominativo de acusativo
- os casos nominativo e acusativo neutro singular costumam ser seguidos de uma partícula -sa/za, sendo assim duplamente marcados¹³
- o gênero comum não diferencia nominativo de acusativo no plural
- o caso genitivo não é capaz de expressar pluralidade do possessor
- o caso genitivo compete com os adjetivos possessivos em -asa/i
- a desinência -an do dativo ocorre só em adjetivos possessivos em -asa/i
- o caso ablativo não diferencia singular de plural

1.3.1 Substantivos

Dada a situação fragmentária da língua, não temos o paradigma completo de flexão de nenhum substantivo ou adjetivo. A tabela a seguir contém as formas para o substantivo de gênero comum *huha-* ‘avô’, suplementada onde necessário por *ziti-* ‘homem’, *hawi-* ‘ovelha’, *tarkasna/i-* ‘burro’ e *masani-* ‘deus’ e o neutro é representado por *kuwalan-* ‘exército’ e *katin(a)-* ‘vasilha’.

¹³ É possível que essa forma tenha sido derivada do pronome demonstrativo *za-* ‘este, esta’, mas ainda não está claro em quais contextos a partícula aparece e sua história. Em cuneiforme, há uma passagem em que o valor de demonstrativo está preservado: *īzagān=za... šapiyaimman* ‘este i. está s.-ado’ Kbo 29.6 Ro 25.

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>huha-s</i>	<i>huha-nzi</i>
ACU. COM.	<i>huha-n</i>	
NOM./ACU. NEUT.	<i>kuwalan=za</i>	<i>katina</i>
GEN.	<i>ziti-s, hawi-si</i>	
DAT.	<i>huha</i>	<i>tarkasniy-anza</i>
ABL.	<i>huh-ati</i>	<i>masan-ati</i>

1.3.2 Adjetivos

A seguir, a declinação dos adjetivos, utilizando a forma *tati(ya)*- ‘paterno/a’, complementado por *tarawani-* ‘justo’, *hantiya-* ‘primeiro’ e do adjetivo possessivo *lanisa-* ‘do irmão’.

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>tarawani-s</i>	<i>tati-nzi</i>
ACU. COM.	<i>tarawani-n</i>	
NOM./ACU. NEUT.	<i>tatiya-n=za</i>	<i>tati-ya</i>
GEN.	<i>tarawani-s</i>	
DAT.	<i>tati, lanisa-n</i>	<i>tati-nza</i>
ABL.	<i>hantiy-ari</i>	<i>tatiy-ati</i>

1.3.3 Pronomes

Pronomes pessoais

Formas tônicas Os pronomes pessoais tônicos – também chamados de ortotônicos – não possuem formas de genitivo e seu paradigma é bastante incompleto. A terceira pessoa não possui um pronome pessoal dedicado, sendo utilizado o demonstrativo *apa-* ‘aquele’ no lugar.

	1SG.	1PL.	2SG.	2PL.
NOM.	<i>amu</i>	<i>anzunz(a)</i>	<i>ti</i>	<i>unzunz(a), unzuns(a)</i>
ACU.	<i>amu</i>	?	<i>tu</i>	?
DAT.	<i>amu</i>	?	<i>tu</i>	?
ABL.	?	?	<i>tuwati</i>	<i>unzati</i>

Alguns detalhes sobre as formas tônicas dos pronomes pessoais:

- *amu* pode ser grafado *mu* por aférese
- *tuwati* e *unzati* podem ser formas de possessivos
- o silabograma para <zu>, L.432 \overline{w} , das formas plurais tem leitura disputada, sobretudo para os textos da idade do ferro, Yakubovich (2010, p. 65–68) propõe <*za_x*>.

Formas clíticas Os pronomes pessoais também possuem formas átonas que se comportam de maneira clítica (apoiados fonologicamente na primeira palavra da sentença). Estes pronomes não diferenciam caso, são utilizados no lugar de nominativos, acusativos e dativos e por vezes aparecem junto da forma tônica.

	1SG.	1PL.		2SG.	2PL.
NOM./ACU./DAT.	=mu	=anza		=tu, =ti	=manza

Clíticos de terceira pessoa A terceira pessoa possui uma série de clíticos próprios com distinção de caso em parte do paradigma:

	3SG.	3PL.
NOM.COM.	=as	=ata
ACU.COM.	=an	=ata
NOM./ACU.NEUT.	=ata	=ata
DAT.	=tu	=manza

Pronomes reflexivos Todas as formas de pronomes reflexivos são enclíticas.

1SG.	1PL.	2SG.	2PL.	3SG.	3PL.
=mi	=anza	=ti	=manza	=ti	=manza

Possessivos

Demonstrativos

As formas dos pronomes demonstrativos são *za-* ‘esse, este’ e *apa/i-* ‘aquele’. Formas adverbiais também são formadas a partir dos temas dos demonstrativos, como *zati* ‘aqui’ e *apati* ‘ali’.

za- ‘esse/este’

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>zas</i>	<i>zanzi</i>
ACU. COM.	<i>zan</i>	
NOM./ACU.NEUT.	<i>za</i>	<i>zaya</i>
GEN.	<i>zas, zasi</i>	
DAT.	<i>zati</i>	<i>zatanza, zatiyanza</i>
ABL.	<i>zin</i>	

apa- ‘aquele’

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>apas, apis</i>	<i>apanzi,</i>
ACU. COM.	<i>apan, apin</i>	<i>apinzi</i>
NOM./ACU.NEUT.	<i>apa</i>	<i>apaya</i>
GEN.	<i>apas, apasi</i>	
DAT.	<i>apati</i>	<i>apatanza</i>
ABL.	<i>apin</i>	

Pronome interrogativo e relativo

A forma *kwi/a-* é sempre escrita com o logograma L.329 ⓘ REL e é utilizado tanto com o valor relativo como com o valor interrogativo. O redobro, *kwis kwis* ou *kwis ima kwis*, é utilizado para dar o sentido ‘quem quer que’, também produzido pela forma indefinida *kwis=ha*.

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>kwis</i>	<i>kwinzi</i>
ACU. COM.	<i>kwin</i>	
NOM./ACU.NEUT.	<i>kwa(n)=za</i>	<i>kwaya</i>
DAT.	<i>kwati</i>	<i>kwatanza</i>
ABL.	?	

Derivados desse pronome são:

- advérbios *kwitan* ‘onde (quer que)’ e *kwipa* ‘de fato’
- as conjunções:
 - *kwari* ‘porque, uma vez que, como, se, quando’
 - *kwati* ‘se, de modo que’
 - *kwa(n)za* ‘uma vez que, porque, embora’
 - *kwi* ‘muito embora, enquanto’

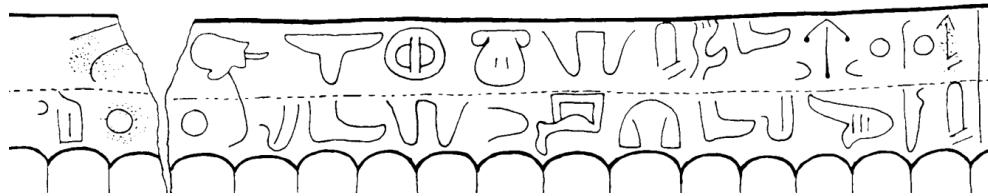
1.4 Leitura: BABYLON 3

Trata-se de um vaso em estado fragmentário (Figura 1.4) escavado por Koldewey na década de 20 onde se acredita ser a cidade de Babilônia, sítio arqueológico de Arpada, noroeste de Alepo, contendo uma inscrição no beiral em cursivas de baixo relevo, sentido sinistroverso, em duas linhas a serem lidas em conjunto (para cada coluna, lê-se o caractere na primeira linha, em seguida o da segunda linha e assim sucessivamente). A inscrição, embora escavada na Babilônia, provavelmente teria sido produzida em Alepo e lá dedicada ao deus do trovão Tarhunta da cidade, o que é indicado pelo epíteto 𒋩𒀭𒊏力气 TONITRUS.HALPA-pa-ni = *halpa(wa)ni* ‘halabeu’, desde o período imperial, a combinação dos logogramas L.199+L.84 / 85 𒋩/𒄑 TONITRUS+CRUS₂ / GENUFLECTERE via de regra denota a cidade de Halab.¹⁴ A data de produção é incerta, mas deve cair entre o século IX e VIII AEC.



Figura 1.4: Babylon 3. Diâmetro: 0.66m.; Profundidade (interna): 0.67m. Imagens produzidas e traçado feito por Hawkins (2000b, plate 212). Atualmente no Vorderasiatisches Museum, Berlin, no. VA Bab. 1507.

¹⁴ Com L.84 CRUS₂ 𒄑: ALEppo 5; NİŞANTEPE 2, no. 57; İMAMKULU. Com L.85 GENUFLEC-TERE 𒄑: ALEppo 6; TELL AHMAR 5; KÖRKÜN; BABYLON 1; BABYLON 3; HAMA 1. Também nomes próprios de figuras associadas a Halab são grafados com essa combinação, como Halparuntiya em MARAŞ 1 TONITRUS.HALPA-pa-ru-ti(-i)-ia-.



- (17) za-ia-wa/i-a "SCALPRUM"-ka-ti-na CERVUS₂-ti-ia-sa
 TONITRUS.HALPA-pa-ni DEUS.TONITRUS-hu-ti PRAE-na
 [PONERE]-wa/i-ta
 zaya=wa katin(a) Runtiyas halpawani Tarhu(n)ti paran tuwa-ta
- (18) zaya=wa katin(a) Runtiyas halpawani Tarhu(n)ti
 DET.AC.U. vasilha.NEUT.AC.U. R.COM.NOM. halabeu.DAT. T.DAT.
 paran tuwata
 PREP. colocar-3SG.
 Este vaso Runtiya dedicou ao Tarhunta halabeu.

Referências

- CARRUBA, O. *Das Palaische: Texte, Grammatik, Lexikon*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1970. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 10).
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 1: Text. Introduction, Karatepe, Karkamış, Tell Ahmar, Mařaš, Malatya, Commagene*. Berlin: De Gruyter, 2000a.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 3: Plates*. Berlin: De Gruyter, 2000b.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume III: Inscriptions of the Hittite Empire and New Inscriptions of the Iron Age*. Berlin: De Gruyter, 2024.
- HAWKINS, J. D. Scripts and Texts. In: *The Luwians*. Edição: H. Craig Melchert. Leiden: Brill, 2003. P. 128–169. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- HAWKINS, J. D. The “Autobiography of Ariyahinas’s Son”: an Edition of the Hieroglyphic Luwian Stelae Tell Ahmar 1 and Aleppo 2. *Anatolian Studies*, v. 30, p. 139–156, 1980.
- HAWKINS, J. D.; MORPURGO DAVIES, A.; NEUMANN, G. *Hittite Hieroglyphs and Luwian: New Evidence for the Connection*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1974. (Nachrichten der Akademie der Wissenschaften in Göttingen, 6).
- HOFFNER JR., H. A. *The Laws of the Hittites: A Critical Edition*. Leiden: Brill, 1997. (Documenta et Monumenta Orientis Antiqui, XXIII).
- HOFFNER JR., H. A.; MELCHERT, H. C. *A Grammar of the Hittite Language*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2008. (Languages of The Ancient Near East).
- KLEIN, J.; JOSEPH, B.; FRITZ, M. (Ed.). *Handbook of Comparative and Historical Linguistics 41.1*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 41).
- LAROCHE, E. *Les hiéroglyphes hittites*. Paris, 1960.
- MELCHERT, H. C. *Anatolian Historical Phonology*. Leiden: Brill, 1994. (Leiden Studien in Indo-European, 3).

- MELCHERT, H. C. *Cuneiform Luvian Lexicon*. Chapel Hill, N.C., 1993. (Lexica Anatolica, 2).
- MELCHERT, H. C. Language. In: *The Luwians*. Edição: H. Craig Melchert. Leiden: Brill, 2003a. P. 170–210. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- MELCHERT, H. C. (Ed.). *The Luwians*. Leiden: Brill, 2003b. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- MIEROOP, M. V. de. *A History of the Ancient Near East ca. 3000-323BC*. 3. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2016. (Blackwell History of the Ancient World).
- MORPURGO DAVIES, A. Dentals, Rhotacism and Verbal Endings in the Luwian Languages. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, Vandenhoeck & Ruprecht (GmbH & Co. KG), v. 96, n. 2, p. 245–270, 1982. Acesso em: 24 jun. 2024.
- OBRADOR-CURSACH, B. *The Phrygian Language*. Leiden: Brill, 2020. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- OETTINGER, N. Die Gliederung des anatolischen Sprachgebietes. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, v. 1/2, n. 92, p. 74–92, 1978.
- ORESHKO, R. In Search of the Holy Cube Roots: Kubaba — Kubeleya — Kúβε-βος — Kufaws and the Problem of Ethnocultural Contact in Early Iron Age Anatolia. In: *Linguistic and Cultural Interactions between Greece and Anatolia: In Search of the Golden Fleece*. Edição: Michele Bianconi. Leiden: Brill, 2021. P. 131–166. (Culture and History of Ancient Near East, 122).
- RIEKEN, E. Die Zeichen <ta>, <tá> und <tà> in den hieroglyphen- luwischen Inschriften der Nachgroßreichszeit. de. *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici*, v. 50, 2008.
- RIEKEN, E. (Ed.). The dialectology of Anatolian. In: KLEIN, J.; JOSEPH, B.; FRITZ, M. *Handbook of Comparative and Historical Linguistics 41.1*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. P. 298–308. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 41).
- RIEKEN, E.; YAKUBOVICH, I. (Ed.). The new values of luwian signs L 319 and L 172. In: SINGER, I. *ipamati kistamati pari tumatimis: Luwian and Hittite studies presented to J. David Hawkins on the occasion of his 70th birthday*. Tel Aviv: Emery e Claire Yass Publications in Archeology, 2010. P. 199–219.
- RINGUE, D. (Ed.). Indo-European dialectology. In: KLEIN, J.; JOSEPH, B.; FRITZ, M. *Handbook of Comparative and Historical Linguistics 41.1*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. P. 62–75. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 41).
- STARKE, F. *Die keilschrift-luwischen Texte in Umschrift*. Wiesbaden: Otto Harrasowitz, 1985. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 30).

- STURTEVANT, E. *A comparative grammar of the Hittite language*. Philadelphia: Linguistic Society of America, 1933.
- VERTEGAAL, A. *Voices in Stone: Studies in Luwian Historical Phonology*. 2020. Tese (Doutorado) – Netherlands Graduate School of Linguistics, Amsterdam.
- YAKUBOVIC, I. (Ed.). The West Semitic God El in Anatolian Hieroglyphic Transmission. In: COHEN, Y.; GILAN, A.; MILLER, J. L. *Pax Hethitica: Studies on the Hittites and their Neighbours in Honour of Itamar Singer*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2010. P. 385–398. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 51).
- YAKUBOVICH, I. *Sociolinguistics of the Luwian Language*. Leiden: Brill, 2010.
- YAKUBOVICH, I.; MOUTON, A. *Luwili: Hittite-Luwian Ritual Texts Attributed to Puriyanni, Kuwattalla and Šilalluhi (CTH 758–763)*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 2023. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 10).

Esse documento foi diagramado usando o sistema
[LuaTeX](#) mantido por Manuel Pégourié-Gonnard.
Todos os *softwares* utilizados na diagramação deste
documento são gratuitos e *open source*.

17 de julho de 2024.